

ANTÓNIO V. BENTO
(org)



A ESCOLA EM TEMPO DE CRISE

OPORTUNIDADES E CONSTRANGIMENTOS

1ª Edição 2012



UNIVERSIDADE da MADEIRA
www.uma.pt

CIE-UMa

Centro de Investigação em Educação
www.uma.pt/cie-uma

A ESCOLA EM TEMPO DE CRISE OPORTUNIDADES E CONSTRANGIMENTOS

ANTÓNIO V. BENTO
(org)

António V. Bento é Professor Auxiliar com Nomeação Definitiva e Director do Mestrado em Educação, área de Administração Educacional no Centro de Competência das Ciências Sociais (Departamento de Ciências da Educação) e membro do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira.

“...Estruturámos este livro da seguinte forma: Na Parte I apresentamos os textos das conferências – Conferência 1 “Da crise da escola à escola contra a crise” por Carlos Vilar Estêvão do Instituto de Educação da Universidade do Minho; Conferência 2 “A escola em tempo de crise: desafios da profissão docente” por Alice Mendonça do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira; e, Conferência 3 “A ESCOLA EM TEMPO DE CRISE: GERIR OU LIDERAR? Gestão (escolar) para tempo de magnificência e liderança (escolar) para tempo de crise” por António V. Bento do Centro de Investigação em Educação da Universidade da Madeira.

Nas Partes II e III, apresentamos um total de 21 comunicações organizadas de acordo com as duas oficinas temáticas: Oficina temática A “Oportunidades para a escola em tempo de crise”, com 10 comunicações. Oficina temática B, “Constrangimentos para a escola em tempo de crise”, com 11 textos.” (in Nota de Abertura).

ANTÓNIO V. BENTO (Org.)

**A ESCOLA EM TEMPO DE CRISE:
OPORTUNIDADES E CONSTRANGIMENTOS**

Título

A escola em tempo de crise: Oportunidades e constrangimentos

Organizador

António V. Bento

Edição

Centro de Investigação em Educação – CIE-UMa

Design Gráfico

Énio Freitas

Impressão e Acabamento

João Duarte, Unipessoal, Lda

Tiragem

200 Exemplares

ISBN

978-989-97490-2-3

Depósito Legal

344631/12

© CIE-UMa 2012

www.uma.pt/cie-uma

The logo for FCT (Fundação para a Ciência e a Tecnologia) consists of the letters 'FCT' in a bold, green, sans-serif font.

Fundação para a Ciência e a Tecnologia

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA

PEST-OE/CED/UI4083/2011

Catarina Barros

Hélder Lopes

Joana Simões

Igor Aguiar

Catarina Fernando

Universidade da Madeira, CIDESD

A EDUCAÇÃO EM CRISE

A educação tem evoluído ao longo dos tempos, acompanhando as suas tendências. Todas as roturas que foram surgindo na educação advieram de uma rotura da sociedade em geral, a educação “apenas” acompanhou essas mudanças, adaptando-se às novas realidades, procurando dar resposta ao tipo de Homem que a sociedade necessitava nessa altura.

Para Almada, Fernando, Lopes, Vicente, & Vitória (2008), as alterações contextuais outrora demoravam gerações a desenvolver, presentemente o tempo para nos adaptarmos escasseia.

Para os autores a evolução na educação não se realizou com uma rotura. Com os novos desafios que se colocam hoje, o indivíduo tem de aprender a enfrentar a incerteza, aprendendo a dominar uma série de metodologias que lhe permitam identificar e resolver os problemas com que se depara, procurando soluções eficientes.

Grilo (2010), aponta a inexistência do ensino experimental nas escolas como uma das razões dessas falhas, prejudicando o desenvolvimento de uma cultura científica que incentive a descoberta, a experimentação, a análise, a construção de conclusões e a respectiva divulgação.

Segundo Grilo (2010), hoje a sociedade dá especial importância a um conjunto de competências que se assumem como determinantes no futuro cidadão (inovação; liderança; responsabilidade; disciplina; método; iniciativa; trabalho em grupo; adaptação à mudança; gosto pelo risco; sentido crítico; espírito de sacrifício).

Para o autor, estas competências são na maioria das vezes mais valorizadas do que os próprios conhecimentos (que estão em constante

evolução e necessitam de formação contínua e actualizada) e são estas capacidades que podem ser induzidas e treinadas na escola.

O desenvolvimento do novo cidadão (pessoa produtora) obriga uma mudança total do sistema educativo, caso contrário, Grilo (2010) afirma que as sociedades incapazes de lidar com estes desafios irão enfrentar problemas sociais e económicos neste processo de mudança.

Almada *et. al.* (2008) afirma que o professor deve ser um catalisador de um processo de amadurecimento, mas para isso tem de dominar ferramentas que lhe permitam estar melhor na situação do que o aluno, isto é, compreender melhor quais as soluções ajustadas e aprender com as dificuldades a enfrentar.

Consequentemente, a metodologia de ensino e a lógica subjacente tem de mudar, pois os remendos pontuais não são a solução, o que temos é um currículo pronto-a-vestir, inadequado, generalizado e não individualizado, criando um desfaseamento entre a escola e a integração dos seus conteúdos a nível funcional, pois para resolver problemas é preciso dominar e ter a capacidade de utilizar o conhecimento (Almada *et. al.* 2008).

AS ACTIVIDADES DESPORTIVAS NA FORMAÇÃO DO HOMEM

De acordo com Lopes, Fernando, Vicente, & Prudente (2010a), o conhecimento tem prazos de validade que exigem adaptações e como vimos anteriormente a formação do Homem depende do contexto, da época e das necessidades da sociedade, o que significa que os paradigmas influenciaram a forma como o desporto contribuía para essa formação.

Modelos Paradigmáticos na Educação Física

De acordo com Fernandes (2009), a Educação Física tem tido avanços científicos através da produção científica no sentido de romper com alguns modelos pedagógicos subjacentes à disciplina na escola desde há, aproximadamente, três décadas atrás.

Com o surgimento das novas abordagens pedagógicas acredita-se que uma renovação no campo prático é possível.

Na década de 30 do século passado, o modelo que norteava a Educação Física era o Modelo Militar cuja preocupação central era a aquisição de hábitos de higiene e saúde bem como desenvolver a aptidão

física dos indivíduos, de forma a seleccionar os fisicamente aptos e excluir os incapacitados com o intuito de contribuir para o desenvolvimento da indústria e defender a pátria (Betti, 1991; Soares *et al.*, 1992 citados por Fernandes, 2009).

Os autores referem que, na década de 60 e após a segunda Guerra Mundial, o Modelo passou a ser Desportivo em que o objectivo fundamental era a formação de atletas e respectivo rendimento, reflectindo o modelo económico vigente.

Neste modelo, o professor é centralizador e as aulas pautam-se pela repetição de movimentos desportivos mecânicos (modelo tradicional, mecanicista e tecnicista) (Darido, 2005, citado por Fernandes, 2009).

A Educação Física vem desde os meados de 1980 tentando romper com os modelos tradicionais. É nesse momento que a Educação Física passa por um período de valorização dos conhecimentos produzidos pela ciência (Fernandes, 2009).

Um Novo Rumo nos Modelos

É na década de 80 do século XX que surge um novo movimento, cujo intuito seria entender o Homem como ser cultural, em que o movimento é visto como forma de se expressar e de aprender (Colectivo de Autores, 1992 citado por Oliveira, Barroso, & Junior, 2008). Durante esta época foi posta em causa a importância da reprodução do modelo de treino para a formação do aluno. O novo movimento pretende utilizar o desporto como forma de transformar o aluno, contextualizando as suas acções motoras e induzir uma capacidade crítica relativamente à sua realidade (Oliveira *et al.*, 2008).

Sendo o desporto um meio para atingir um fim, neste caso a formação do Homem, é através dos comportamentos solicitados nas diferentes actividades desportivas que podemos induzir a transformação do indivíduo.

O Desporto como meio de transformação do Homem, utiliza o professor como catalisador desse processo, promovendo o sentido crítico, a capacidade de intervenção e adaptação a diferentes contextos; autonomia; iniciativa e capacidade para tomar decisões em situações difíceis e instáveis (Lopes, *et al.* 2010a ; Grilo 2010).

Como vimos anteriormente, a escola é um meio privilegiado para transformar os jovens e prepará-los para os desafios que poderão encontrar no futuro seja no desporto ou noutros contextos.

Tal como defendem, Grilo (2010), Lopes *et. al.* (2010a) e Lopes, Fernando, Vicente, Simões, & Prudente (2010), uma das opções que devemos tomar hoje, de forma a levar a cabo a transformação do futuro Homem, é a utilização de uma nova metodologia, que passa pelo campo prático das aulas. Dando sentido à personalização do ensino, até porque para Lopes *et. al.* (2010), no processo pedagógico actual a personalização dos meios utilizados é essencial, pois dá espaço para a reflexão e auxilia no diagnóstico, prescrição e controlo, aumentando a eficácia do processo de aprendizagem.

Porém, Resende (1995) citado por Fernandes (2009) diz-nos que a aptidão física e o desporto de alto rendimento, ainda são predominantes no contexto da prática profissional em questão.

Gonzalez (2006) citado por Fernandes (2009) afirma que nas suas pesquisas realizadas com os professores de Educação Física, existe ainda um hiato entre a realidade escolar e o que se propõe na universidade.

Apesar da Educação Física ter passado por uma renovação no seu campo científico, a sua prática escolar não tem avançado pois os professores em geral não tiveram contacto com as novas tendências científicas da Educação Física escolar (Fernandes, 2009), o que reflecte não ter ainda havido uma rutura de mentalidades na linha da frente da educação.

Para que se passe para uma nova visão no desporto e utilizarmos uma metodologia de laboratório nas aulas, exige-se que haja uma rutura na forma como compreendemos as actividades desportivas, passando a compreendê-las de forma funcional (Lopes *et. al.*, 2010a).

A ACTIVIDADE DESPORTIVA DE ADAPTAÇÃO AO MEIO: ORIENTAÇÃO

A matéria de Orientação como desporto de adaptação ao meio pressupõe equacionar uma série de variáveis que estão inerentes a este grupo taxonómico, isto é, a compreensão da dinâmica do meio, a análise dos indicadores do meio e a operacionalização de estratégias num contexto que é instável (que está constantemente a alterar-se). Neste sentido, estas variáveis colocam determinadas problemáticas ao aluno que o professor terá de dominar e ajudar a orientar, para que o aluno as resolva. Os instrumentos que o docente tem para educar o aluno para estas problemáticas é utilizar exercícios que manipulem estas variáveis e solicitem nos alunos, um conjunto de comportamentos necessários para a resolução dos problemas. Porém não poderão ser meras técnicas ou exercícios sem

intencionalidade, terão de ser construídos exercícios que, tendo como base os comportamentos que queremos solicitar, no decorrer do seu percurso sejam induzidos, isto é, que transformem o aluno.

Mais do que dar resposta aos problemas levantados pela actividade desportiva importa formar o Homem da sociedade do futuro e trabalhar para que a promoção da autonomia, criatividade, capacidade de iniciativa, responsabilidade e sociabilidade (PNEF, 2001; Lei de Bases do Sistema Educativo, 2005), sejam induzidos nos alunos, pois ao fim e ao cabo são os alicerces que formam o Homem de amanhã.

Para que isto aconteça é necessária uma rutura de mentalidades nos intervenientes do sistema educativo.

Ao lermos o PNEF (2001) no que respeita à matéria de Orientação, podemos observar que a forma como está exposta esta matéria poderá induzir os docentes em erro, dado à forma redutora como estão definidos os objectivos, sem ter a preocupação das problemáticas inerentes à actividade desportiva.

Consequentemente, esta visão influencia a abordagem desta matéria, através de técnicas e não da construção de problemas que solicitem aos alunos a necessidade de ter instrumentos que os levem a resolver os desafios.

A forma como é desenvolvido o processo pedagógico providencia oportunidades distintas na formação dos alunos.

O processo pedagógico pode utilizar as actividades desportivas para transformar o aluno, seja como reproduzidor ou produtor.

Ao termos por base o modelo tradicional, estaremos a privilegiar aspectos formais da actividade desportiva (ex. regras e gestos técnicos), ou seja a dar ênfase à reprodução do conhecimento para que este consiga ir ao encontro das componentes críticas do gesto.

Se, por outro lado, optarmos por desenvolver o processo pedagógico segundo um modelo funcional, estaremos a dar importância aos princípios activos das actividades desportivas e aos comportamentos que este solicita nos alunos. Neste panorama, queremos que o aluno identifique e seja capaz de actuar perante as janelas de oportunidades que o exercício (situação) provoca, operacionalizando o conhecimento mediante a utilização de uma série de metodologias.

METODOLOGIA

Amostra

Realizámos uma experiência preliminar a 20 alunos do 2º e 3º ano do 1º ciclo de Educação Física da Universidade da Madeira. Os alunos reuniram-se em grupos de 4 e realizaram os exercícios simultaneamente mas individualmente.

Os alunos foram divididos em grupos de acordo com os dias agendados e de uma forma alternada (dia 1, grupo 1, dia 2, grupo 2), sendo que o grupo 1 realizou o exercício tradicional e o grupo 2 o segundo funcional.

Optou-se por escolher a população da UMA pois trata-se de alunos que estão a ser formados para serem os professores de amanhã, que irão formar os futuros cidadãos e integrar as escolas da RAM.

Instrumentos

De forma a verificar se existem ou não diferenças entre duas formas distintas em desenvolver o processo pedagógico, foram construídos três exercícios utilizando processos expeditos. Um dos exercícios foi construído de acordo com o processo pedagógico tradicional, outro numa perspectiva funcional. Foi ainda elaborado um terceiro exercício de controlo para ambos os grupos.

Utilizámos a actividade desportiva de adaptação ao meio Orientação, nomeadamente as curvas de nível e os problemas daí advindos, como a capacidade de imaginar e ver em 3D, a capacidade de prever a visualização dos pontos de referências ao longo da progressão e a visão de conjunto dos pontos de referência.

O exercício 1 (tradicional) e 2 (funcional) foram uma preparação para o exercício 3. Ambos os grupos foram sujeitos inicialmente à reprodução de uma gravação que explicava o conceito de curvas de nível, bem como as informações que podem ser retiradas da leitura das mesmas.

No primeiro exercício (tradicional), os alunos tentaram resolver quatro problemas para quatro situações diferentes apresentadas nas cartas topográficas. Após a conclusão dos problemas eram facultadas as soluções.

O foco deste exercício foi o conteúdo/conceito e a forma como a transmissão de informação foi replicada pelos alunos.

No segundo exercício (funcional), o foco foi nas capacidades necessárias para resolver os problemas de uma forma funcional. Neste caso, os alunos resolviam os mesmos problemas que o grupo anterior para uma

carta topográfica e para fotos de pedras com curvas de nível. Depois era dada a oportunidade de manipular as pedras e confrontar as respostas dadas com as soluções.

O exercício 3 (controlo), foi idêntico para ambos os grupos. Os alunos teriam de completar 4 associações entre fotos de locais e as imagens topográficas de um total de 8 fotos e 8 imagens. Foi contabilizado o tempo que demoravam a realizar as associações e o número de associações correctas.

Análise dos Dados

H0: Existem diferenças entre o número de correspondências feitas pelo grupo 1 e o grupo 2 face aos resultados obtidos no exercício de controlo (o grupo 2 consegue identificar maior número de fotos relativamente ao grupo 1).

H1: Não existem diferenças entre número de correspondências feitas pelo grupo 1 e o grupo 2 face aos resultados obtidos no exercício de controlo

Apesar de a amostra ser pequena, podemos verificar algumas diferenças face aos resultados obtidos.



Figura 1. Exercício de Controlo (exc.3).

Conforme podemos observar na figura acima, o grupo 1 demorou menos um minuto a realizar a tarefa do que o grupo 2.

No entanto parece haver uma tendência para os alunos do grupo 2 acertarem em maior número nas associações, nomeadamente mais 25% de associações que o grupo 1, de um total de 4 associações.

Este resultado pode ser um indicador, porém a experiência terá de ser aplicada num maior número de indivíduos e esperamos poder cruzar os dados com outras variáveis, tais como a experiência desportiva e o nível de escolaridade para assim obtermos dados mais consistentes e retirarmos conclusões mais sólidas.

Mas poderemos no entanto presumir que o facto de o grupo 2 demorar mais tempo que o grupo 1 a associar as imagens, poderá ter a ver com a análise dos indicadores das imagens e com a construção de estratégias/metodologia para associar as imagens às fotos, tendo em conta as estratégias desenvolvidas nos exercícios preparatórios (exercício 1 e 2).

O grupo 1 poderá ter tentado replicar apenas o conhecimento e os conceitos apreendidos e memorizados e, conseqüentemente, ter demorado menos tempo nas associações, porém demonstraram maior insucesso, provavelmente por terem tido dificuldade em saber ler os indicadores correctos e a adaptarem-se a uma nova situação.

O que nos remete ao referido anteriormente sobre a necessidade de haver uma rotura do reproduzir o modelo (técnica) para o produzir e operacionalizar (criar estratégias/metodologias e a respectiva relação custo-benefício) de forma a adaptarem-se aos problemas encontrados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

As roturas paradigmáticas são eminentemente tempos de crise, mas isso não significa que não haja oportunidades. Apesar da conotação negativa do termo “crise”, existe espaço para a inovação, experimentação e acima de tudo para a reflexão sobre que rumos tomar e como renovar a área.

Fernandes (2009) afirma que é necessário, primeiramente, reflectir sobre se as intenções de reformulação da Educação Física não estão ficando restritas às argumentações teóricas, pois os avanços científicos por si só podem não garantir avanços no campo prático. Reflectir que a Educação Física na escola ainda sofre influências dos modelos tradicionais inspirados na aptidão física e no desporto de alto rendimento, apesar da base teórica ter sido reformulada. E, por fim, reflectir sobre como as novas abordagens têm sido trabalhadas no quotidiano escolar, as suas influências na prática

pedagógica do professor e se o professor se apoderou verdadeiramente das renovações do campo teórico.

São essas oportunidades que as crises paradigmáticas nos trazem para que façamos um esforço para evoluirmos e nos actualizarmos face às exigências da sociedade.

Para que isso aconteça terá de existir uma rutura no processo pedagógico do cumprir para o realizar, isso implica uma forma diferente de olhar a aula e de desenvolver esse processo no sentido de ir ao encontro das necessidades dos alunos e da sociedade.

Teremos de deixar de criar exercícios com o mero objectivo que os alunos terão de cumprir para serem activos e responsáveis por realizar.

Passámos da necessidade dos alunos apenas dominarem conceitos, acumulando o conhecimento para a necessidade de este dominar as ferramentas necessárias (metodologias) para operacionalizar o seu conhecimento.

Consequentemente, as metodologias terão de ser distintas neste processo, de uma metodologia que dá ênfase aos aspectos formais para uma metodologia que tenha uma visão de conjunto.

Ao fim e ao cabo, trata-se de uma rutura de um ensino de transmissão (reprodução) para um processo de aprendizagem (ensino experimental) que presumimos contribuir para ir ao encontro das necessidades da sociedade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Almada, F., Fernando, C., Lopes, H., Vicente, A., & Vitória, M. (2008). *A Rotura- A Sistemática das Actividades Desportivas*. Edição VML.

Fernandes, A. (Junho de 2009). A Renovação na Educação Física- desafios e perspectivas. *Revista Digital EFdeportes*, 133 . Buenos Aires, Argentina.

Fernando, C. R. (2005). *Estruturação das Actividades Desportivas de Grandes Espaços- para a micro e macro gestão (trabalho com visa à obtenção do grau de doutor em Ciências do Desporto)* (Vol. Vol. I). Covilhã: Universidade da Beira Interior- Departamento de Ciências do Desporto.

Grilo, E. M. (2010). *Se não estudas estás tramado* (1ª edição ed.). Lisboa: Tinta da China.

Jacinto, J., Carvalho, L., & e Mira, J. (2001). *Programa de Educação Física 10º, 11º e 12º anos - Cursos gerais e Cursos Tecnológicos*. Lisboa: Ministério da Educação.

Lei de Bases do Sistema Educativo. (30 de Agosto de 2005). *Lei nº 49* .

Lopes, H., Fernando, C., Vicente, A., & Prudente, J. (2010). Apoio Laboratorial ao processo pedagógico. In A. Albuquerque, A. Aranha, A. Pereira, H. Lopes, & J. Rodrigues (Ed.), *3º encontro Luso-Brasileiro de Educação Física, Desporto e Lazer. Boletim Técnico e Científico do Grupo de Intervenção Pedagógica e Profissional do Centro de Investigação em Desporto, Saúde e Desenvolvimento Humano*. Maia: ISMAI.

Lopes, H., Fernando, C., Vicente, A., Simões, J., & Prudente, J. (2010). O Processo Pedagógico- Formas Expeditas de Apoio Laboratorial (comunicação oral). In P. Sarmiento, J. Rodrigues, Á. Aranha, & A. Pereira, *Estudos em Pedagogia do Desporto- 1º Congresso da SCPD*. Turismo Lisboa e Vale do Tejo.

Oliveira, F. S., Barroso, S. J., & Junior, O. M. (Abril de 2008). A Corrida de Orientação enquanto conteúdo da Educação Física Escolar. *Revista Digital Efdeportes*, 119. Buenos Aires, Argentina. Obtido em 15 de Outubro de 2011, de Revista Digital Efdeportes: <http://www.efdeportes.com>

Programa de Educação Física- Plano de Organização do Ensino-Aprendizagem, Ensino Básico 2º ciclo (3º ed.). (1998). Ministério da Educação.